

Dossiê Olhares Cruzados sobre a Normalização

O ‘coming out’ compulsório de atletas olímpicas lésbicas

Waleska Vigo Francisco¹

O *coming out* (“saída do armário”) como escolha particular deveria dar-se no tempo determinado pelos sujeitos que optam por tal decisão. Porém, quando se trata de pessoas públicas, muitas vezes não tem sido essa a prática. Atletas olímpicas lésbicas têm experimentado um modo compulsório de *coming out* que se dá a partir dos meios de comunicação. Entendendo os Jogos Olímpicos como um cenário arranjado e receptivo aos mesmos conflitos da vida ordinária, este artigo discute a estrutura heterossexista que ainda cerca o esporte e, para atestar essa ocorrência, analisa as narrativas das próprias atletas olímpicas. Como argumento para explicar o *coming out* compulsório, mobiliza-se o conceito de *vontade de saber* de Michel Foucault, isto é, a ideia de um controle social que submete o sujeito à explanação de sua sexualidade, objetivando capturar os “desviantes” para adequá-los à norma dominante.

Palavras-chave: lésbicas, *coming out*, homossexualidade, estudos olímpicos, esporte e sexualidades

Coming out as a private choice should be take place at the time determined by the subjects who choose to do so. However, when it comes to public people, this has often not been the practice. Lesbian Olympic athletes have experienced a compulsory mode of coming out that occurs through the media. Understanding the Olympic Games as an arranged scenario receptive to the same conflicts as ordinary life, **The Compulsory Coming Out of Lesbian Olympic Athletes** discusses the heterosexist structure that still surrounds the sport and, to attest this occurrence, analyzes the narratives of the Olympic athletes. As na argument to explain compulsory coming out, Michel Foucault’s concept of the will to knowledge is mobilized, that is, the idea of a social control that incites the subject to talk about his sexuality, aiming to capture the “deviants” and fit them to the dominant norm.

Keywords: lesbians, coming out, homosexuality, olympic studies, sports and sexualities

¹ Doutoranda em ciências na Escola de Educação Física e Esporte (EEFE) da Universidade de São Paulo (USP). Graduada em educação física pela Fefisa – Faculdades Integradas de Santo André e especialista em condicionamento físico aplicado à prevenção cardiológica primária e secundária pelo Instituto do Coração (Incor), do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Integrante do Grupo de Estudos Olímpicos da FE-USP. E-mail: waleska.francisco@usp.br

Introdução

Após a concretização de 28 edições olímpicas, computa-se a participação de mais de 250 atletas LGBTQIA+, notando-se um aumento substancial desse número a partir da década de 1990. Em Barcelona-1992 eram 16 atletas; na Rio-2016 somaram-se 62², o que conferiu a essa edição o título de a “mais gay” da história. Sobretudo, enquanto a Rio-2016 cumpria muitas das antigas promessas imagéticas de Brasil, como a receptividade anfitriã, a alegria e a sensualidade carnavalescas, vistas na cerimônia de encerramento, além da pacificidade e generosidade – ao receber a modelo transexual, Lea T, na cerimônia de abertura – os números confirmavam que o Brasil era o país com o maior percentual de assassinatos de pessoas trans no mundo, cerca de 40%³.

Em contrapartida, o COI havia discutido um ano antes sobre formas viáveis de combate à discriminação de parte da população LGBTQIA+ no ambiente competitivo, criando o 6º Princípio Fundamental do Olimpismo que dita como regra a não discriminação à orientação sexual (INTERNACIONAL OLYMPIC COMMITTEE, 2014). Dadas as circunstâncias, compreende-se que muito embora haja esforços, ainda insuficientes, por parte do COI rumo à mudanças no tema da sexualidade, as referências morais de certos países-sede não estão em sintonia com tais aspirações.

Sendo o espaço olímpico criado sob as bases da heteronormatividade, as sexualidades não-normativas representariam o avesso dessa imposição, entrando, então, para a lista dos vícios, subversões e indisciplinas. No entanto, a discussão proposta pelo presente artigo é que mesmo sob condições adversas, algumas atletas lésbicas têm demonstrado uma capacidade ativa de permanecer resistindo, por mais que essa ação ofereça um peso em suas carreiras; das nove atletas que se autoafirmaram lésbicas à mídia brasileira, sete o fizeram em plena atividade.

Este artigo também tem por finalidade apresentar o lugar que ocupa a homossexualidade no esporte olímpico, e perpassar pela questão de que as atletas lésbicas têm experimentado uma exposição de suas vidas afetivas que foge ao próprio controle.

² Pesquisa realizada pelo historiador Tony Scupham-Bilton como um projeto pessoal, não tendo autorização do Comitê Olímpico Internacional (COI) ou de qualquer Comitê Olímpico Nacional. Disponível em: <http://queerstoryfiles.blogspot.com/search/label/Olympics?updated-max=2018-02-17T10:41:00Z&max-results=20&start=8&by-date=false> (acesso em: 15/06/2019).

³ Pesquisa denominada *Trans Murder Monitoring Project*, realizada pelo Transrespect versus Transphobia Worldwide (TvT) em parceria com a Transgender Europe (TGEU). Disponível em: <https://transrespect.org/wp-content/uploads/2016/11/TvT-PS-Vol14-2016.pdf> (acesso em 15/06/2019).

Quando a mídia não as expõe sem consentimento prévio, as hiperexpõe após a autoafirmação pública, numa manobra que será denominada aqui como *coming out* compulsório.

Mulheres, as invasoras do esporte

A primeira disputa olímpica originada na Grécia Antiga data de 776 A.E.C. Naquele período, as práticas esportivas fundamentavam-se em premissas educativas criadas com a intenção de aflorar e desenvolver o que os gregos chamavam de *areté*, uma espécie de excelência física e moral, que em termos linguísticos atuais não encontra tradução literal, mas se aproxima do que conhecemos como *virtude*. Para os gregos antigos, a conquista de tal virtuosismo heroico só seria possível por meio do empenho obstinado em condutas físicas e morais, como a força, o vigor, o cavalheirismo, a cortesia e o respeito (JAEGGER, 2013), que proporcionariam aos atletas a sensação de encontro e semelhança com divindades:

os jogos possuíam um caráter sagrado para os helenos, o que significa que os jogos colocavam o homem em contato com o próprio deus, e, por este motivo, eles eram sempre celebrados nos santuários mais sagrados sob a tutela do deus: Olímpia, Pítia (Delfos), Nemeia, Ístmia (Corinto) (ANDRONICOS, 2004, p. 1).

Conservando as mesmas concepções gregas, o barão Pierre de Coubertin reavivou as disputas olímpicas em 1896. Como característica fundamental de ambas as épocas, os Jogos Olímpicos mantiveram-se sob o domínio de uma classe abastada que pregaria um discurso igualitário ao mesmo tempo em que negaria a participação de determinadas pessoas, como escravos (nos Jogos Olímpicos da Antiguidade) e mulheres (na primeira edição da Era Moderna):

Esquecendo-se de suas preocupações cotidianas, de suas fraquezas humanas e de suas divergências fatais durante a suspensão temporária das hostilidades pan-helênicas (para eles, mundiais), eles (atletas) eram transportados a um estado de felicidade divina, pois, no espaço paradisíaco de Olímpia, o homem redescobria seus ideais: a paz reinava em todo o mundo, todos eram livres e iguais, os poderosos e ricos governantes da Sicília em nada diferiam do simples cidadão ateniense, o deus protegia a todos (*Ibid.*, p. 3).

Entretanto, as alterações políticas, econômicas e culturais, com o passar dos tempos, provocariam profundas renegociações nessa estrutura fundante. A sacralidade, por exemplo, desapareceria da lista de atributos do movimento olímpico, enquanto a relação mercadológica entre atletas, espectadores, patrocinadores e a instituição gestora do evento

iria se tornar a nova marca. Nessa relação, o sucesso midiático e financeiro constituíram-se, então, como objetivos primordiais.

As constatações anteriores indicam que os Jogos Olímpicos como um cenário temporário também se ordenou para um espelhamento das questões sociais mais profundas como a diferença de classes, o racismo, o sexismo, a homofobia, dentre outros. Com isso, os atores que compõem essa estrutura estão predestinados às mesmas condições dos sujeitos na vida ordinária. Em outras palavras, as divergências ou afinidades do “mundo real” podem também ser retratadas nesse ambiente recortado e aperfeiçoado dos Jogos Olímpicos.

Como visto anteriormente, se o esporte está arraigado em expectativas sociais, não seria exagero assumi-lo como um espaço de relações em que se afirma e se reforça o mesmo modelo binário de gênero existente na sociedade. Partindo desse pressuposto, o esporte pode ser entendido como um dos muitos campos férteis para a produção e reverberação de enunciados do modelo essencialista e binário de gênero, seja na diferenciação dos uniformes entre homens e mulheres, seja na intenção de “feminilizar” ou “masculinizar” certas modalidades esportivas.

Em sua origem, o esporte olímpico foi um local de acolhimento à iniciação, produção e reprodução de masculinidades. Como resultado disso, a presença feminina nas competições tinha um sentido de invasão e subversão do modelo original. As mulheres foram proibidas de participar dos primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna, em 1896. Os gestores esportivos só permitiram a participação delas, em duas modalidades (golfe e tênis), na segunda edição do evento, devido à efervescência dos movimentos sufragistas no país-sede, a França (RUBIO, 2011). Entre os debates acalorados pela inclusão das mulheres nas competições, Pierre de Coubertin afirmava: “de minha parte, não tenho medo de apoiar o voto nulo. Eu sinto que os Jogos Olímpicos devem ser reservados aos homens” (CHATZIEFSTATHIOU, 2008, p. 99, tradução nossa). Coubertin alegava que a participação das mulheres tornaria o evento apático e desinteressante ao público, já que, entendia ele (apoiado nos conhecimentos biológicos da época as mulheres) não tinham as mesmas capacidades atléticas dos homens (*Ibid.*).

A nudez obrigatória durante as competições na Grécia Antiga era também uma forma de evitar a invasão e a atuação das mulheres nos esportes. Reassumindo parte desse modelo, o COI criou uma política de “verificação de gênero” – somente para as mulheres – na década de 1960. A justificativa dada pela entidade nesse intervalo que contempla a Guerra Fria era

a de que os resultados de algumas atletas do bloco oriental seriam incompatíveis às expectativas de desempenho para uma mulher. A entidade suspeitava que homens estivessem se infiltrando na categoria feminina e seria necessário “proteger” as mulheres dessa invasão (CAVANAGH e SYKES, 2006). Surge, então, uma série de testagens que vão da inspeção visual dos órgãos genitais de todas as atletas da categoria feminina na década de 1960, até às provas cromossômicas realizadas até o ano de 1999 (WACKWITZ, 2003).

O caráter invasivo dos testes resultou em queixas das atletas, e esse foi um dos motivos para o encerramento das testagens em 1999 (MARTÍNEZ-PATIÑO, VILAIN e BUENO-GUERRA, 2016). Porém, na atualidade ainda existe um tipo subjacente de “verificação de gênero” praticado pelo COI, denominado prova de fato⁴, em que mulheres com “aparência masculina” e/ou com resultados “inadequados” são testadas caso seja aberto algum requerimento. Essa nova testagem normativa continua causando danos às atletas. “O regulamento do COI especifica que uma pessoa submetida à prova de gênero deverá ter sua dignidade e privacidade protegidas. Mas, não foi assim no caso de Caster Semenya”⁵. O tratamento dado à atleta sul-africana, designada intersexo conforme as diretrizes médicas, foi comparado ao de Saartjie Baartman, mulher negra do povo khoisan, exibida em jaula como uma monstruosidade sexual durante o século XIX em países europeus (NYONG’O, 2010). Após vencer os 800 metros no Campeonato Mundial de Atletismo de 2009, Semenya experimentou uma forma compulsória de adaptação e internalização de gênero. Revistas e jornais passaram a publicar imagens da atleta usando acessórios decodificados como femininos, como colar, maquiagem e braceletes.

[Isso] foi uma aposta transparente de torná-la uma portadora mais adequada da feminilidade nacional (...) a produção quase instantânea e a rápida circulação do dramático “antes e depois” de suas imagens, era apenas mais uma ilustração da tese de Judith Butler em *Problemas de Gênero*, de que enquanto pensamos nos corpos de sexo ou gênero desviantes como cópias falhas de um modelo original, o gênero “natural” é, na verdade, uma tentativa mimética de impedir a perspectiva inquietante de que gênero não é um referencial estável (*Ibid.*, p. 96, tradução nossa).

⁴ Esse conceito é utilizado pela antropóloga Katrina Karkazis no documentário *Sports on Fire: She Runs Like a Man* (2005), dirigido por Pete McCormack. Disponível em: https://www.documaniatv.com/deporte/deportes-a-tope-6-esa-mujer-corre-como-unhombre-video_14cb5cb0c.html (acesso em 01/12/2018).

⁵ Frase de Cassandra Wells, retirada do documentário *Sports on Fire: She Runs Like a Man* (2005), dirigido por Pete McCormack. Disponível em: https://www.documaniatv.com/deporte/deportes-a-tope-6-esa-mujer-corre-como-unhombre-video_14cb5cb0c.html (acesso em 01/12/2018).

É possível notar que vem se preservando no esporte, portanto, uma visão estritamente biológica e essencialista que divide e normatiza os sujeitos nas categorias binárias homem e mulher. A repercussão dessa normatização tem levado as instituições esportivas a promover iniciativas que vão desde a tentativa de adaptação biológica das atletas marginalizadas (trans e intersexo) por meio do controle hormonal e/ou de procedimentos cirúrgicos até à expulsão daquelas que não se ajustam aos “modelos originais” (FRANCISCO, PRADO SILVA e ENYA, 2019).

Somado a isso, por vezes há uma visão deturpada e estereotipada de que as atletas, mesmo as que evidenciam um padrão biológico “autêntico”, são mulheres “masculinizadas” por adentrarem no mundo milimetricamente traçado e prometido aos homens:

– (...) já de cara as pessoas dizem “aquela menina parece um homem”, já começa com uma discriminação. E isso de “parece um homem” já é o caminho para vir uma série de críticas a você... As pessoas sabiam que você era diferente, mas não valorizavam aquela diferença. (Silvina das Graças Pereira, atleta olímpica dos 200 metros rasos e salto em distância, participante dos Jogos de Montreal em 1976)⁶

– (...) sempre futebol, não tive vontade de fazer outro esporte, né. Tive oportunidade de fazer até um teste pra ginástica olímpica, passei no teste porque eu fazia capoeira. Passei nos testes, mas pela distância, eu tinha aula e meus pais não tinham tanta condição de me levar e trazer e eu acabei ficando. E minha mãe tentou um balé porque ela não queria que eu ficasse no futebol, e eu sempre no futebol, insistindo no futebol, né. E aí aos 12 anos um vizinho meu, me vendo jogar, sempre pedia pra minha mãe pra me botar numa escolinha. Minha mãe sempre “não, não, não”, não deixava. Porque não queria, achava que era coisa de menino, essas coisas toda, até que ela mudou de ideia quando eu cheguei chorando muito triste, né. Jogando bola com os garotos e as vizinhas me ofenderam, né. Falou que não era coisa de menina e me ofenderam, e ela: “não, agora você vai jogar”. (Cristiane Rozeira de Souza Silva, atleta olímpica do futebol)⁷

Ao longo da história, a inclusão e o crescimento do número de mulheres nos Jogos Olímpicos e os resultados por elas alcançados vêm reduzindo esse estranhamento. Entretanto, a depender da modalidade praticada, muitas atletas ainda são estereotipadas como masculinas e/ou lésbicas, visto que esse julgamento é feito com base na sequência lógica da tríplice da “mulher original”: mulher-feminino-heterossexual. Sobretudo, se o gênero pode ser considerado uma imitação, há nele uma falha de autenticidade, ou seja,

⁶ Trecho retirado de entrevista cedida ao projeto Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiros, coordenado pela prof. Dra. Katia Rubio no âmbito da Universidade de São Paulo (USP).

⁷ Trecho retirado de entrevista cedida ao projeto Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiros, coordenado pela prof. Dra. Katia Rubio no âmbito da Universidade de São Paulo (USP).

certas pessoas atingem mais proximidade à norma dominante, mas ninguém seria capaz de reproduzir o ideário de feminilidade e masculinidade por completo (BUTLER, 2017). De modo resumido, “a significação não é um ato fundador, mas antes um processo regulado de repetição” (*Ibid.*, p. 250).

Em outros termos, esse processo de absorção do gênero atinge significância a partir de uma conexão entre o campo linguístico e seus discursos classificatórios que preconcebem os sujeitos, e a partir da constante repetição de códigos sociais demarcados como femininos ou masculinos (*Ibid.*). Muitas lésbicas, por sua vez, se adequam aos modelos pré-estabelecidos, tanto no que diz respeito ao sexo biológico quanto ao gênero, desmistificando o rótulo generalizado de mulher masculinizada. Enquanto outras, sabendo ou não, pouco se importam por uma definição estanque do que vem a ser uma mulher e vivem em desacordo com o modelo heterossexual imperativo. Desse modo, ao violarem parte da sucessão de papéis normativos, as lésbicas deixam de integrar a categoria imagética da mulher:

O que é a mulher? Pânico, alarme geral para uma defesa ativa. Francamente, este é um problema que as lésbicas não têm por causa de uma mudança de perspectiva, e seria incorreto dizer que as lésbicas se associam, fazem amor, vivem com mulheres, pois “mulher” tem significado apenas em sistemas de pensamento heterossexuais e em sistemas econômicos heterossexuais. As lésbicas não são mulheres (WITTIG, 2006, p. 57).

Com isso, presume-se que os sujeitos em suas individualidades nem sempre atenderão as expectativas sociais padronizadas da tríplice sexo-gênero-desejo. Uma identidade estaria então relacionada ao que o sujeito autoafirma de si. Contudo, não é o que tem acontecido no esporte com as lésbicas, em que, como em um jogo de adivinhação, exposições midiáticas especulatórias e sem autorização têm sido, em sua maioria, a regra geral para “identificá-las”.

As atletas lésbicas e a vontade de saber de Foucault

É possível afirmar que a homossexualidade sempre esteve marginalizada no convívio olímpico. Em 1975, por exemplo, o sistema policial canadense iniciou uma onda de “vistorias” em bares gays e lésbicos de Montreal e Ottawa. As ações policiais quase sempre resultavam no encarceramento dos clientes, e a intenção da polícia era pulverizar os homossexuais

dessas regiões para evitar possíveis “incômodos” aos turistas, que um ano depois cobririam a região para acompanhar a edição olímpica de Montreal-1976 (WARNER, 2002).

Descontente com o modelo dos Jogos Olímpicos oficiais, Tom Waddell, atleta olímpico do decatlo, inaugurou o Gay Games na década de 1980 como uma nova possibilidade de expressão às categorias identitárias ignoradas pelo movimento olímpico oficial. Idealizando um evento que tivesse por princípios a inclusão e a visibilidade, “Waddell esforçou-se para combinar o encanto das Olimpíadas com a beleza do esporte em uma comunidade gay vibrante” (DAVIDSON, 2006, p. 93). Apaixonado pelos ideais do movimento olímpico, ele desejava manter as virtudes do olimpismo, como a excelência, o *fair play* e a amizade. Contudo, a AIDS não permitiu que Waddell sobrevivesse por muito tempo para observar o crescimento exponencial de seu evento e a estagnação da cultura heterossexista nos Jogos Olímpicos oficiais:

apesar desse notável exemplo de inclusão, no entanto, o Movimento Olímpico oficial tem permanecido em silêncio sobre os *Gay Games*. Recusa-se a enfrentar os desafios da homofobia no esporte. Embora a Carta Olímpica proíba ‘qualquer forma de discriminação em relação a um país ou a uma pessoa por motivos de raça, religião, política, sexo ou outros’, continua a haver uma profunda frieza em relação [aos] LGBTQ, nas comunidades olímpicas de Coubertin (KIDD, 2013, p. 511, tradução nossa).

Recentemente, os Jogos de Inverno de Sochi-2014 foram palco de intervenção do governo russo contra a livre expressão de atletas homossexuais. Sob o aval de Vladimir Putin, sancionou-se uma lei punitiva aos “incentivadores da propaganda-gay”. A lei aplicava multas de \$1.500 aos cidadãos russos, e de \$30 mil às empresas, mais o risco de suspensão das atividades por até 90 dias (BOYCOFF, 2017). Já os visitantes estrangeiros estiveram sujeitos a multas, prisão e deportação (LENSKYJ, 2014).

Convivendo nesse entorno, as narrativas de atletas lésbicas muitas vezes apresentam-se carregadas de insegurança: “muitos atletas não se assumem devido ao medo do preconceito do público, que, conseqüentemente, afasta possíveis patrocinadores e apoiadores”⁸; ou de incômodo com os insultos recorrentes da torcida: “já tive vontade de sair do campo e subir lá na arquibancada e pegar o cara na porrada [depois de ouvir ofensas homofóbicas e machistas]. Isso rola muito aqui no Brasil, tem muito preconceito, machismo”⁹. É perceptível, portanto, a presença de uma estrutura heterossexista

⁸ Entrevista de Júlia Vasconcelos, atleta olímpica do taekwondo, disponível em Nunes (21/07/2019).

⁹ Entrevista de Cristiane Rozeira de Souza Silva, atleta olímpica do futebol, disponível em Bergamo (27/01/2019).

circundando o esporte olímpico, sustentada e reforçada não só pelas instituições gestoras, mas também pela vigilância e controle moral social, algo que persiste no campo da normalização sexual desde a Idade Média:

O policiamento sexual, na verdade, não era uma mera imposição externa, de cima para baixo. É claro que ele tinha por trás de si o poder da Igreja e do Estado. Mas era corporificado na participação popular, e na ampla aprovação dos seus princípios (DABHOIWALA, 2013, p. 45).

Uma das principais contribuições de Foucault para aos estudos da sexualidade foi a descoberta de que, ao contrário do que se imaginava, falar de sexo tornou-se uma necessidade e um exagero. Para Foucault, ainda nos séculos II e III, a autoavaliação e a confissão produziram

um modo novo de relação do sujeito consigo mesmo: a direção da consciência, o exame de si, a busca pelos erros que estão escondidos, a operação de levar a luz até o lugar mais escuro de si mesmo, a constituição de si como objeto de investigação e discurso (DIAS, 2018, p. 248).

Já a partir do século XVII, nunca se falou tanto sobre sexo, e esse jogo de dizeres e pronunciamentos, chamado por Foucault de *a vontade de saber*, capacitou a ciência a normalizar o ato sexual em um único modelo: o quarto dos pais como local e fim para reprodução. Qualquer outro tipo de performance sexual era marginalizada, e a incitação ao discurso sexual possibilitava encontrar os sujeitos desviantes e ajustá-los à regra heterossexual (FOUCAULT, 2017). Vejamos os relatos de duas atletas olímpicas de como suas vidas afetivas foram expostas sem seus consentimentos e posteriormente vigiadas pela imprensa e pelo público geral:

– E, não era pra aparecer na imprensa internacional (...) e ela queria fazer só esse momento especial [pedido de casamento] pra minha equipe e a equipe dela. E alguém falou pra imprensa e a imprensa sabe que vai dar manchete que vende. Então, tinha muita imprensa lá, nossa! E não era pra ser assim (...) E eu nunca vou esquecer de eu acordar, tinha desligado meu celular pra carregar, tava arrumando minha mala na Vila pra sair do quarto no dia seguinte...essa loucura e eu liguei o celular no dia seguinte e eu achei que ia explodir, por tantas notificações...não, sério, muito apoio, notificações de pessoas, tipo, de foto de Facebook. Alguém marca você porque te conhece e de repente eu sei que todas as notificações sobre aquela foto que é a capa de sei lá que jornal, e eu olhei pro meu celular tinha tipo mil e blabláblá notificações de Facebook (...) mas era tipo, você conheceu uma celebridade, tipo, todo mundo correndo atrás de quem é essa pessoa. (Isadora Cerullo, atleta olímpica do rúgbi)¹⁰

¹⁰ Trecho retirado de entrevista cedida ao projeto Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiros, coordenado pela prof. Dra. Katia Rubio no âmbito da USP.

Acho graça. As pessoas falam: “assumiram relacionamento em 2013”. Mas nunca teve esse negócio. Foi um post no Facebook que pegaram e virou notícia. Desde 2010, se você for olhar nossos perfis, já tem foto. Nunca escondemos nada de ninguém e nem tivemos essa pretensão. Sempre acreditamos no nosso amor, sempre nos respeitamos, estamos juntas e felizes há cinco anos, com muita alegria e cumplicidade.¹¹

A história olímpica dá indícios de que as atletas lésbicas têm vivenciado um processo de *coming out* compulsório no qual suas vidas afetivas são “retiradas do armário” pela mídia sem qualquer aprovação. O comportamento midiático indelicado iniciado na década de 1980, com as tenistas Billie Jean King e Martina Navratilova (GRIFFIN, 2014), mantém-se o mesmo desde então, e isso nos leva a seguinte questão: quais seriam as consequências dessa hiperexposição?

Profissionalmente, já é sabido que atletas homossexuais correm o risco de perder patrocinadores e melhores oportunidades na carreira, mas o *coming out* também pode ser o disparador de uma série de outros efeitos deletérios à vida social de gays e lésbicas. Em estudo realizado na década de 1980 em São Francisco, o *coming out* muitas vezes aparecia associado, na narrativa dos entrevistados, à renúncia ao parentesco consanguíneo e à sensação de incapacidade de criação de novos laços parentais (WESTON, 1997). Mayssa Pessoa, goleira do handebol, relata que na edição olímpica de Londres-2012 foi interpelada por um repórter na coletiva de imprensa: “você é homossexual?”. Uma de suas grandes preocupações ao responder era:

No dia seguinte, saiu em todo canto. “A goleira da seleção é gay”. A imprensa começou a aparecer em peso nos treinos e programas de TV, procuraram minha família na Paraíba. Minha mãe, que não sabia de nada e é muito religiosa, ficou chocada. Ela me ligou e perguntou ‘por que estão falando isso da minha filha na televisão?’¹²

No entanto, sua resposta foi:

Eu não estava esperando, claro, mas respondi ‘sim, sou bissexual’. Não queria me esconder. Mas a forma como as coisas aconteceram me deixou muito chateada. Eu tinha acabado de sair da quadra [em um jogo contra Montenegro] e o momento era de falar sobre o jogo e não, minha sexualidade.¹³

¹¹ Liliâne Maestrini, jogadora de vôlei de praia, casada com a também jogadora de vôlei de praia Larissa França. Trecho de fala disponível em Fricke (09/03/2015).

¹² Mayssa Pessoa em entrevista ao site *Universa*. Disponível em Gonzales (20/06/2019).

¹³ Idem.

Entre tantas possibilidades de reação ao comportamento desrespeitoso da imprensa, algumas atletas lésbicas têm usado o espaço midiático para atos de resistência, acreditando na produção de visibilidade e benefício às sexualidades não-normativas:

– Eu sei, agora, que foi muito importante, não só pra gente, mas, tipo, como... um ato muito público sobre uma demonstração de afeto que normalmente não, não tem essa atenção e nem essa repercussão positiva. Então, mesmo, foi o palco olímpico... e não foi uma coisa que foi escondida ou que tentaram reprimir ou tentaram fingir que não aconteceu. Foi uma coisa, um *statement* muito forte que são as Olimpíadas da diversidade... e esses são os valores olímpicos! Isso entra nesses valores olímpicos, então foi um momento também muito importante por essa visibilidade.¹⁴

Assim, por mais que as ferramentas de gênero e sexualidade já estejam prontas e posicionadas à espera dos sujeitos, as pessoas apresentarão modos diferentes de manejá-las, indicando que as relações de poder que atravessam os sujeitos não são uma via de mão única. Dizendo de outro modo, mesmo o indivíduo estando assujeitado às limitações de sua categoria normativa fundante, o poder não é puramente a sequência domínio-aceitação:

Uma relação de poder, ao contrário, se articula sobre dois elementos que lhe são indispensáveis por ser exatamente uma relação de poder: que ‘o outro’ (aquele sobre o qual ela se exerce) seja inteiramente reconhecido e mantido até o fim como sujeito de ação; e que se abra, diante da relação de poder, todo um campo de respostas, reações, efeitos, invenções possíveis (FOUCAULT, 2010, p. 243).

Há uma renegociação constante, em paralelo ao discurso hegemônico, onde: O sujeito culturalmente enredado negocia suas construções, mesmo quando estas constituem os próprios atributos de sua identidade (BUTLER, 2017, p. 246).

Por isso, as manifestações individuais devem ser entendidas cada qual em seus processos. Outras atletas também nos deixam a hipótese de estar produzindo outros tipos de resistência, uma resistência silenciosa que pode representar tanto um modo de sobrevivência como uma nova forma de reagir a intenção de normalizar as sexualidades: “sei que tenho uma expressão e poderia ajudar mais pessoas. Mas prefiro usar esse espaço para incentivar crianças a praticarem esportes. Não quero ser uma referência porque sou lésbica”¹⁵. Sendo indiferentes às questões que envolvem a sexualidade, porventura algumas atletas parecem compreender que

¹⁴ Isadora Cerullo, em entrevista cedida ao projeto Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiros, coordenado pela prof. Dra. Katia Rubio no âmbito da USP.

¹⁵ Entrevista de Júlia Vasconcelos, atleta olímpica do taekwondo, disponível em Nunes (21/07/2019).

Talvez haja algo mais que a vergonha ou a resistência inconsciente que nos impeça de expor, ou mesmo de sondar diante de um outro, alguns segredos íntimos: a consciência obscura de que eles são para nós um refúgio, e o cuidado de que não sejam, por essa exposição, simplesmente banalizados, perdendo então imediatamente seu prestígio (GROS, 2014, p. 343).

Afigura-se aqui também o direito de lutar pela invisibilidade sexual – obviamente não por aquela que ignora, rejeita e marginaliza a existência das pluralidades. Fala-se, em vez disso, da ausência de palavras demarcatórias e da presença da dúvida, que poderiam empobrecer a certeza absoluta de um padrão único e irrevogável de sexualidade quando colocam em vertigem os donos da “verdade” sexual.

Considerações finais

O esporte olímpico moderno se constituiu como um espaço de pertencimento dos homens, e, portanto, de estranhamento daqueles que não são parte desse grupo. Em consequência disso, fez-se necessário frisar neste texto que as mulheres como um todo, sempre apresentaram dificuldades quanto à inclusão e o reconhecimento de seus desempenhos nas disputas olímpicas. Para as lésbicas, além das questões mencionadas, coloca-se outro tipo de situação adversa: a exposição de suas vidas afetivas pelos meios de comunicação sem permissão prévia. No entanto, as reações a essa intromissão se mostraram particulares e diversas, e, em certos casos, serviram a favor de uma rediscussão da homossexualidade a partir do olhar do sujeito.

Referências

ANDRONICOS, Manolis *et al.* **Os jogos olímpicos na Grécia antiga**: Olímpia antiga e os jogos olímpicos. São Paulo: Odysseus, 2004.

BOYCOFF, Jules. “Protest, activism, and the Olympic Games: an overview of key issues and iconic moments”. **The International Journal of the History of Sport**, vol. 34, n. 3-4, pp. 162-183, 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CAVANAGH, Sheila L; SYKES, Heather. “Transsexual bodies at the olympics: the international olympic committee’s policy on transsexual athletes at the 2004 athens summer Games”. **Body & Society**, vol. 12, n. 03, pp. 75-102, 2006.

CHATZIEFSTATHIOU, Dikaia. “Reading Baron Pierre de Coubertin: Issues of gender and race”. **Aethlon**, vol. 25, n. 2, pp. 95-115, 2008.

DABHOIWALA, Faramerz. **As origens do sexo**: Uma história da primeira revolução sexual. São Paulo: Globo, 2013.

DAVIDSON, Judy. “The Necessity of Queer Shame for Gay Pride: The Gay Games and Cultural Events”. *In*: CAUDWELL, Jayne. **Sport, Sexualities and Queer/Theory**. Londres: Routledge, 2006, pp. 90-105.

DIAS, Diego Madi. “FOUCAULT, Michel. 2018. Histoire de la sexualité IV: Les aveux de la chair”. **Sexualidad, Salud y Sociedad: Revista Latinoamericana**, Resenha, n. 28, pp. 246-257, 2018.

FOUCAULT, Michel. “O sujeito e o poder”. *In*: DREYFUS, H. L; RABINOW, P. **Michel Foucault**: Uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense, 2010, pp. 231-249.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FRANCISCO, Waleska Vigo; PRADO SILVA, Bianca Cristina; ENYA, Marjorie Yuri. “A atleta trans: outros diálogos sobre justiça”. *In*: RUBIO, Kátia. **Do pós ao neo olimpismo**: Esporte e movimento olímpico no século XXI. São Paulo: Laços, 2019, pp. 195-210.

GRIFFIN, Pat. 2014. “Overcoming Sexism and Homophobia in Women’s Sports: Two Steps Forward and One Step Back”. *In*: HARGREAVES, Jennifer; ANDERSON, Eric. **Routledge Handbook of Sport, Gender and Sexuality**. Londres/Nova York: Routledge Taylor & Francis Group, pp. 265-274.

GROS, Frédéric. “Fazer calar e fazer falar o sexo”. *In*: NOVAES, Adauto. **O silêncio e a prosa do mundo**. São Paulo: Edições Sesc, 2014.

INTERNACIONAL OLYMPIC COMMITTEE. Olympic agenda 2020: 20+20 recommendations. 2014.

JAEGER, Werner. **Paideia**: A formação do homem grego. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

KIDD, Bruce. “Another World is Possible: Recapturing Alternative Olympic Histories, Imagining Different Games”. **Sport in Society**, vol. 16, n. 4, pp. 503-514, 2013.

LENSKYJ, Helen. **Sexual Diversity and the Sochi 2014 Olympics**: No More Rainbows. Londres: Palgrave Macmillan, 2014.

MARTINEZ-PATINO, María José; VILAIN, Eric; BUENO-GUERRA, Nereida. “The Unfinished Race: 30 Years of Gender Verification in Sport”. **Lancet**, vol. 388, pp. 541-543, 2016.

NYONG’O, Tavia. “The Unforgivable Transgression of Being Caster Semenya”. **Women & Performance: A Journal of Feminist Theory**, vol. 20, n. 1, pp. 95-100, 2010.

RUBIO, Katia. “A cordialidade feminina no esporte brasileiro”. *In*: RUBIO, Katia (org). **As mulheres e o esporte olímpico brasileiro**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011, pp. 85-102.

WACKWITZ, Laura A. “Verifying the Myth: Olympic Sex Testing and the Category ‘Woman’”. **Women’s Studies International Forum**, vol. 26, n. 6, pp. 553-560, 2003.

WARNER, Tom. **Never Going Back**: A History Of Queer Activism in Canada. Canada: University of Toronto Press, 2002.

WESTON, Kath. **Families We Choose**: Lesbian, Gays And Kinship. Nova York: Columbia University Press, 1997.

WITTIG, Monique. **El pensamiento heterosexual y otros ensayos**. Barcelona: Egales, 2006.

Fontes da imprensa

BERGAMO, Mônica. “‘Eu arrancava as cabeças das bonecas e ficava chutando’, diz a atacante Cristiane Rozeira: Nova jogadora do SPFC lembra que já foi chamada ‘mulher-macho’ e menosprezada por técnico”. **Folha de S. Paulo**, Coluna Mônica Bergamo, 27 jan. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2019/01/eu-arrancava-as-cabecas-das-bonecas-e-ficava-chutando-diz-a-atacante-cristiane-rozeira.shtml>

FRICKE, Gabriel. “Apaixonadas, Larissa e Lili superam perda de bebês e sonham com família: Em entrevista ao GloboEsporte.com, atletas falam do casamento em 2013, da nova

tentativa de ter filhos, início de relacionamento, preconceito, entre outros assuntos”. **Globo Esporte**, Vôlei de Praia, 9 mar. 2015. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/volei-de-praia/noticia/2015/03/apaixonadas-larissa-e-lili-superam-perda-de-bebes-e-sonham-com-familia.html>

GONZALES, Mariana. “Elas jogam que nem mulher: Atletas olímpicas lésbicas falam de coragem, amor e preconceito. E, não, elas não querem jogar ‘que nem homem’”. **Universa**, Reportagens Especiais, 20 jun. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/reportagens-especiais/elas-jogam-que-nem-mulher/#cover>

NUNES, Maíra. “Esporte trancado no armário: Gays preferem silencia para manter contratos”. **Correio Braziliense**, Especial, 21 jul. 2017. Disponível em: <http://especiais.correiobraziliense.com.br/esporte-trancado-no-armario>

Recebido em: 16/01/2020
Aprovado em: 27/07/2020